

RESENHA SEMANAL 12
18 A 24/06/2017

INDICADORES: As projeções para 2017 pioraram em relação ao PIB e a Balança Comercial, mostrando relativo otimismo quanto ao IPCA, IGP-M e mantendo as expectativas sobre a Taxa Selic e Dólar Comercial. O Relatório Trimestral de Inflação mostrou um processo de redução da inflação, não indicando mudanças significativas que justifiquem ajustes nas previsões referentes à Selic, com o BC indicando que os cortes na Taxa possam ser um pouco menores, girando em torno de 0,75%.

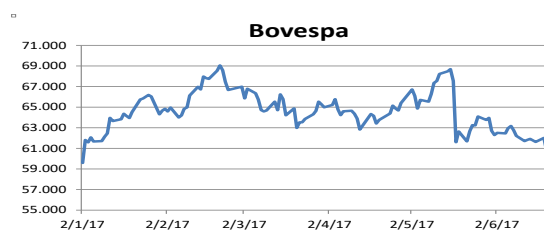
Projeções 2017		
	Anterior	Atual
IPCA	3,71%	3,64%
IGP-M	1,25%	1,06%
Taxa de Câmbio R\$/US\$	3,30	3,30
Taxa Selic	8,50%	8,50%
PIB	0,41%	0,40%

CENÁRIO INTERNACIONAL: O foco se volta para o início das negociações referentes ao Brexit, que devem se estender até outubro e se concentrar nos direitos dos cidadãos e nas soluções financeiras. Na Alemanha, o Índice de Preços ao Produtor apresentou, em maio, um crescimento de 2,8% ante o mesmo mês de 2016, representando uma aceleração após a alta de 3,4% anual, registrada em abril embora aponte uma queda de 0,2% ante o mês anterior.

CENÁRIO NACIONAL: As atenções continuam voltadas aos desdobramentos do noticiário local, trazendo volatilidade aos mercados domésticos e preocupação quanto à aprovação das reformas estruturais, após a rejeição do texto da reforma trabalhista na CAS do Senado.

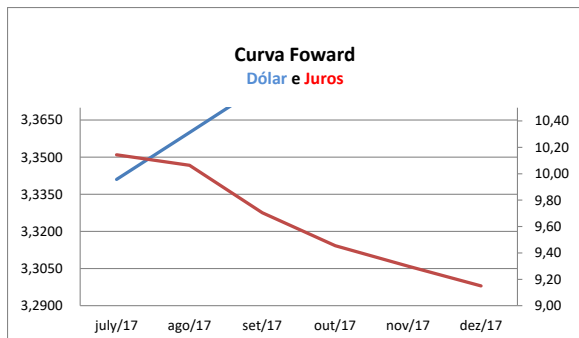
EMPREGO: O Caged mostra que o país criou 34.253 empregos formais, em maio, somando 48.543 postos de trabalho nos 5 primeiros meses do ano, com grande participação do setor de agropecuária ajudando o índice a se manter positivo pelo 2º mês consecutivo enquanto os setores de comércio e construção civil permaneceram negativos. No acumulado de 12 meses, foram fechadas 853.665 vagas.

BOLSAS: O monitoramento da crise política e o cenário de inflação em queda, decorrente da baixa atividade econômica, continuam dando o tom das negociações locais e, com investidores cautelosos, as cotações na bolsa brasileira se mantiveram praticamente estáveis durante a semana, e, no nosso entender, essa aversão ao risco deve permanecer até que se apresente uma conjuntura mais favorável.

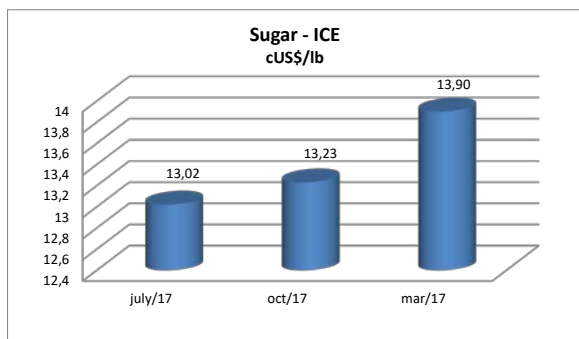


DÓLAR: Frente às incertezas domésticas e com o noticiário local ainda contribuindo para o seu avanço, a moeda americana ultrapassou a barreira dos R\$ 3,33, significando, ao que parece, que o mercado tenha encontrado um novo patamar, entre R\$ 3,30/3,40 para as cotações e não mais abaixo dos R\$ 3,20 como nas semanas anteriores. É preciso ficar atento aos movimentos no câmbio, pois, com a alta

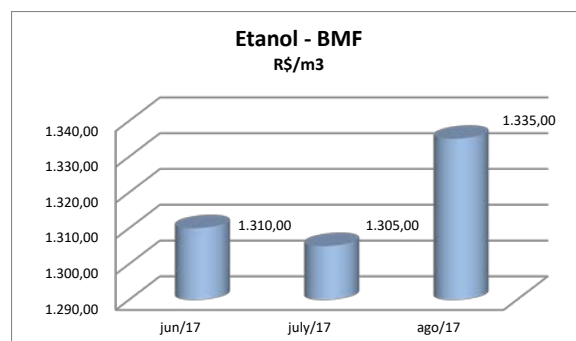
volatilidade do mercado, um deslize na fixação do dólar pode trazer sérios problemas na comercialização.



AÇÚCAR: As usinas da Índia reivindicam um aumento de 40% para 60% nas taxas de importação sobre o produto, com o objetivo de restringir as compras externas diante do atual cenário de estoques internos altos e frente à autorização do governo de importação de cerca de 500 mil ton de açúcar na atual temporada, enquanto a produção deve recuar 20%, para 20,3 milhões de toneladas embora os estoques estejam estimados em 7,5 milhões de ton e suficientes para atendimento da demanda local de 22 milhões de ton/ano, segundo especialistas, com os preços internacionais da commodity já tendo recuado 31% em 2017, sobretudo pela perspectiva de oferta abundante do Brasil, principal produtor mundial.

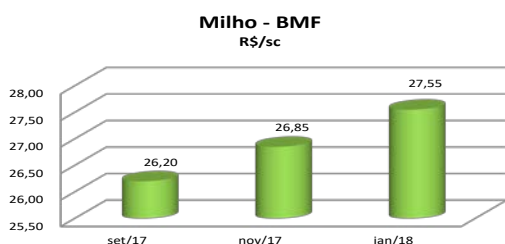


ETANOL: Mesmo com uma produção menor, os preços do combustível já acumulam, nesta safra, uma desvalorização média de 9% em razão da retração da demanda e da necessidade de “fazer caixa” por parte de algumas usinas, com poucos negócios sendo registrados. Com este cenário e com o intuito de coibir as compras no exterior, que aumentaram 403% nesse último ano, parlamentares do setor sucroenergético reivindicam uma taxaço de 17% nas importações do produto, alegando que enquanto os EUA aumentaram sua produção, diminuindo custos, produtores locais enfrentam dificuldades frente a demanda em queda, alta carga tributária e dificuldades no escoamento da produção de cana de açúcar que refletem negativamente nos preços domésticos.

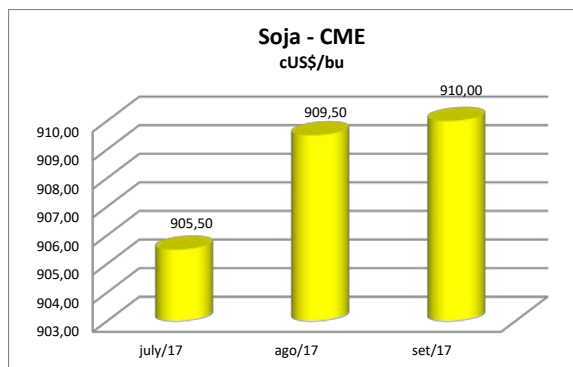


MILHO: Com a realização dos leilões de Pepro, que registraram uma demanda de 94,8% das 1 milhão de ton ofertadas, e de PEP, com demanda de 60,7% das 330 mil ton oferecidas, o mercado do cereal no MT ficou bastante movimentado nesta semana, com a participação de todos os envolvidos na comercialização, como traders, produtores, etc. Novos leilões estão confirmados para a próxima semana.

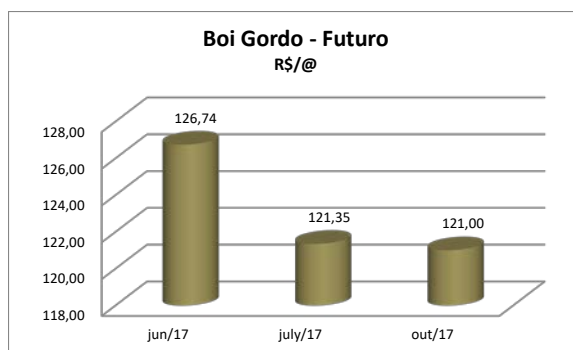
MILHO: Novo relatório do USDA estima em 95 milhões de ton, a produção brasileira para 2016/17, representando um avanço de 30% ante o ano passado, com a safrinha atingindo cerca de 67% do total de milho nacional e prevendo dificuldades de armazenagem na disputa pelo espaço ante a safra recorde de soja, com grande quantidade do grão estocada fora de silos perdendo qualidade e pelas cotações bastante pressionadas, sem poder de recuperação, frente ao clima muito favorável. Desta maneira, apesar dos leilões realizados pelo governo e pela alta dólar nessa última semana, não há, pelo menos por enquanto, uma perspectiva de alta de preços.



SOJA: Novamente, as previsões climáticas foram o foco das atenções no mercado internacional, com as boas condições meteorológicas limitando qualquer movimento de recuperação dos preços, que acumularam sucessivas quedas esta semana na CBOT com analistas acreditando que possam surgir especulações quanto à virada deste cenário no período de colheita, embora o mercado, neste momento tenda a romper, para baixo, a barreira dos US\$ 9/bushel frente a números de demanda desfavoráveis pressionando as cotações e as exportações não devem ser suficientes para alterar esta tendência.



BOI: Continua o impasse causado pela crise da JBS, com os produtores não conseguindo vender seu produto. Por um lado, a JBS paga preços mais altos embora os produtores fiquem receosos de fechar suas vendas com o frigorífico, temendo não receber os valores acordados e, por outro lado, os demais frigoríficos comprando muito pouco e trabalhando com estoques baixos e escala curta, o que dificulta as negociações, acarretando numa queda acentuada das cotações. As delações envolvendo os frigoríficos Minerva e Marfrig acabaram por complicar ainda mais o difícil cenário do setor.



OBS: Dados coletados até as 16:00 hrs do dia de fechamento da edição/Esta resenha foi elaborada pela CW Análises para uso exclusivo do destinatário. As informações contidas nesta resenha são consideradas confiáveis na data na qual foi publicada. Entretanto, as informações aqui contidas não representam, por parte da CW Análises, garantia de exatidão ou julgamento sobre a qualidade das mesmas, e não devem ser consideradas como tal. As opiniões contidas aqui são baseadas em estimativas, estando, portanto, sujeitas a alterações.